
TEMA EM DESTAQUE

CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO EM SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A temática da cultura popular tem sido constantemente lembrada em razão do debate identitário de diferentes grupos e em termos da nação brasileira. Contemporaneamente, o debate se dá em torno de conquistas políticas de reconhecimento de patrimônios culturais imateriais e tem causado polêmicas diversas. Uma dimensão também retomada é a da apropriação da cultura popular pela sociedade de mercado e os muitos sentidos e consequências desse fato que configura a chamada indústria cultural. Em todos esses aspectos, as manifestações culturais como patrimônio social e coletivo reúnem heranças do passado, modos de ser e aspirações próprias do tempo presente, como diz Milton Santos, e expõem uma dimensão pouco explorada: a das relações que estabelecem com a educação.

Na escola e fora da escola, em diferentes processos educativos, a cultura popular do ponto de vista da autenticidade, integridade e liberdade, tem sido negada, mascarada ou transformada em produto cultural para consumo. Diante dessas questões, é preciso saber em que resultam as citadas dimensões da cultura popular, quais as relações que se tecem entre elas e sobre elas, quais as memórias presentes nas manifestações culturais como processo e não só como produto. Torna-se necessário compreender os muitos sentidos e as mensagens presentes nos inúmeros processos educativos que envolvem sujeitos e grupos diversos e mesmo a nação.

É esse o sentido do dossiê proposto, na medida em que se considera que a cultura popular, sua prática e dinâmica constituem um

universo pleno e complexo de elementos capazes de mobilizar, transmitir e aprender saberes de diversas ordens. Considera-se o potencial de riqueza do campo da cultura para a educação, que não pode ou deve dele transigir no interior dos processos educativos, sob pena de comprometer o conhecimento e enfraquecer a luta presente nas questões socioculturais que afetam as sociedades contemporâneas, marcadamente desiguais e intolerantes.

Para iniciar o debate, Carlos Rodrigues Brandão, antropólogo brasileiro comprometido com a educação popular e com a educação, situa histórica e teoricamente o conceito de cultura, viajando por autores e por fatos marcantes da história brasileira, dos anos de 1960 aos nossos dias. Resgata a questão da ambiguidade conceitual e as muitas definições pelas quais se pensou a questão da cultura popular, focalizando a dimensão ideológica que revestiu a chamada cultura popular como elemento de transformação social por meio do Movimento de Educação de Base – MEB –, dos Movimentos de Cultura Popular – MCPs – e, ao mesmo tempo, consubstanciando uma configuração identitária da nação brasileira. Finaliza seu texto com os acontecimentos na área da cultura de ontem para agora. Dentre estes aponta para as diferentes iniciativas de retomada do que é “próprio” das culturas populares, não apenas para o reconhecimento, de expressão de si-mesmos, mas também de empoderamento, que envolve a criação e reprodução do saber e que se faz uma questão substantiva no eixo da cultura e da educação.

José Machado Pais, sociólogo português, apresenta em seu texto uma visão de ultramar que estabelece pontes entre o Brasil e Portugal, no tocante a pensar a cultura que é produzida

“às margens” por sujeitos também considerados à margem. O autor nos fala das artes de criar e improvisar que constituem as práticas populares e toma empiricamente um contexto de jovens portugueses de ascendência africana que pela música e dança estabelecem diálogos abertos com influências culturais diversas, evidenciando a imensa capacidade plástica e flexível da chamada cultura popular. O estudo de caso que relata evidencia como do que está à margem podem nascer ícones de nacionalidade, bem como o fato de esses jovens não possuírem motivação interna em relação à escola e ao processo educacional. Contudo, sugere a possibilidade dos processos educativos na escola dialogarem com o patrimônio cultural dos grupos à margem, reconhecendo na capacidade de criar e improvisar na música e na dança um contexto educativo externo potencializador de aprendizagens diversas e, também, na escola. Diz assim, do campo da educação como campo de possibilidades desaproveitadas no âmbito da escola e de que modo o patrimônio cultural pode ser visto como patrimônio coletivo a ser equacionado pela escola, o que permanece como desafio educativo.

Para os autores, uma tríade importante no âmbito da cultura é aquela que estabelece relação entre o criar, a criação e a criatividade. Como afirma Brandão, a “experiência da criação cultural deveria emergir e transformar-se na e como a “história humana”, para se ter um mundo de relações humanizadas e humanizadoras, capaz de reconhecer diferentes categorias de pessoas e de grupos sociais livres e não desiguais.

Por sua vez, o texto de Ceres Karam Brum, antropóloga brasileira, a partir de um caso concreto – o gauchismo no Rio Grande do Sul, manifestação reconhecida do âmbito da cultura popular –, exemplifica o processo de criação de “ícones de nacionalidade” de que fala Machado Pais. A figura do gaúcho como símbolo regional ancorado em literatura nacionalista

do Uruguai e da Argentina possibilita, desde sempre, a existência de uma literatura regional no sul do Brasil e, no presente, consubstancia a existência dos Centros de Tradições Gaúchas – CTGs. Nesse sentido, a autora aponta para a dimensão educacional e para a atuação pedagógica do movimento tradicionalista, que assume a cultura popular como meio e recurso para consolidar identidades regionais. Identidades essas que se constroem primeiro nos CTGs, tidos por espaços educacionais informais, para então chegar aos espaços formais das escolas de nível fundamental até as de nível superior. Os processos de trânsito cultural dos CTGs às escolas objetivam, assim, estabelecer “um novo território tradicionalista e possível reprodutor de sua filosofia e modelos comportamentais”. Objetivam alargar as fronteiras da cultura popular pela expansão dos valores tradicionalistas na construção identitária de grupos de jovens. A educação se inscreve, então, no aprendizado de identidades culturais de um grupo, sendo ainda, norteadora de identidades individuais. Significativa é a contradição que a autora aponta entre o tradicionalismo dos CTGs e o tradicionalismo das escolas como aspecto revelador da cultura popular como criação e invenção. A cultura se faz, assim, não como processo dotado de essência, mas fruto da dinâmica das relações sociais, historicamente constituídas e datadas.

O que deve ser ressaltada do conjunto de textos deste dossiê é comum entre os autores é a abordagem da cultura como criação. Característica que, mais do que dizer dela como produto, diz dela em movimento e, como tal, processo fecundo de aprendizagem que cabe à escola, à educação formal reconhecer e integrar em suas práticas como parte de um projeto político e pedagógico emancipador.

Neusa Maria Mendes de Gusmão
neusagusmao@uol.com.br